



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



A FORMAÇÃO CULTURAL: O PREDOMÍNIO PARA AS DESIGUALDADES

Jaqueline Aparecida da Silva Rodrigues
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL

O propósito deste ensaio é analisar um trecho do samba enredo da escola de samba Estação Primeira Mangueira através de estudos que abordam as relações étnicas e “raciais” no campo da educação. Serão abordados assuntos do processo formativo do Brasil enquanto nação, desde seu “descobrimento” até as políticas de atendimento nos centros de educação infantil. Compreender os processos que envolvem a formação das crianças, entender as mudanças quanto à educação é um dever de todos nós enquanto família, professores e sociedade. Em meios a tantos iguais que continuam a reproduzir as mesmas ações, é necessário mudar nosso pensamento em relação às práticas que diminuem a camada pobre e excluída, um novo pensamento que será refletido nas ações e com qualidade intervir no ensino com diversidade para que a criança e o estudante possam compreender a história do país em que vive e sua própria história na íntegra sem omissão dos fatos. Não podemos fechar os olhos para a realidade, o racismo existe, dentro das escolas, nas ruas, em nossas famílias é o maior problema para este fato, é que igualmente reproduzimos as falas, as brincadeiras e as ações. Vivemos em um país racista, mas o que é inadmissível é excluir, humilhar, dominar o outro, ou categorizá-lo por sua condição social, física ou econômica. Para minimizar tais condições foram necessários criar leis e políticas que garantissem condições, elas não são igualitárias, mas que em uma escala mínima permitem as mesmas oportunidades como é o caso LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012, que favorece o acesso as universidades, cabe pensarmos nas condições de permanência, qualidade e oportunidades.

Palavras – chave: Formação, Relações “Étnicas e raciais”, Educação

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O texto analisará uma estrofe do samba enredo da Escola de Samba Estação Primeira Mangueira, observando fatos que tratam a história do Brasil, a colonização, à escravidão até os dias atuais com suas políticas de atendimento.

Compreender o cenário que vivemos é descobrir motivos e motivações e compreender o Brasil que vivemos, não apenas ouvir o que dizem e aceitar com única verdade.

História para Ninar Gente Grande traz à tona aquilo que foi esquecido, ou que não foi revelado em sua originalidade, desde nossa origem até os personagens dos dias atuais, massacrados, esquecidos e banalizados pela politicagem.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Estudar nossa história, nossas origens, o passado, pressupõe inicialmente que deveríamos refletir se realmente o que foi contado em nossa infância é verdadeiro, devemos aceitar tudo que nos impõem?

Homens, mulheres e crianças que se entregaram por uma causa maior, lutaram por seus sonhos e não se entregaram, para muitos a liberdade é a própria entrega da vida, ou seja, uma liberdade conquistada pela morte e pelo choro.

Apesar de grande sofrimento, não podemos pensar a escravidão apenas como um processo de sofrimento, onde alguns “coitados” eram açoitados e sofriam, ela também é a história de heróis que venceram os horrores da ignorância. A Mangueira através de samba enredo expôs a história que estava esquecida, tirou a poeira dos porões, e nos fez enxergar um passado que outrora fora ocultado, trouxe a tona a verdade esquecida.

O Brasil é marcado com sangue, choro e dor, não podemos nos esquecer, um povo que esquece suas origens, esquece sua história, seu passado. Devemos nos lembrar de que nossa história é de dominação, roubo, mortes. As escolas ensinaram um lindo contexto de que o Brasil foi descoberto e colonizado, mas não contam os horrores desta história. O Brasil foi dominado, e os índios que aqui viviam sofreram uma tortura psicológica, física e moral, perderam sua identidade, e sofreram brutal processo de dominação cultural com sua “inocente” intenção de salvar esta gente.

A terra, porém em si é de muito bons ares, assim frios e temperados como os de Entre Douro e Minho, porque neste tempo de agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas, infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-a-nela tudo por bem das águas que tem. Mas o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente.

(CAMINHA, 2008. p. 32-33)

Salvar esta gente significaria impor sua cultura, sua religião, seu modo de viver, aproveitaram-se da inocência de um povo para roubar-lhes toda sua história. Assim aconteceu com os negros, trazidos nos navios, forçado a deixarem suas terras foi roubado o direito a vida e uma história, o poema Navio Negreiro aponta a condição trágica em que homens, mulheres e crianças foram submetidos. Poderíamos simplesmente ignorar, poderíamos simplesmente nos compadecer, ou poderíamos analisar os fatos, e refletir o



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



quanto essa história foi brutal, invasiva, homicida e não apenas uma história vitimista, tamanho sofrimento em que viviam, em agonia suplicavam para que a dor e sofrimento fosse cessado.

Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-me vós, Senhor Deus,
Se eu deliro... ou se é verdade. Tanto horror perante os céus?!...Ó mar,
por que não apagas Co'a esponja de tuas vagas. Do teu manto este
borrão? Astros! noites! tempestades! Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! ...
ALVES, 1870. P.22

O texto contribuirá para uma análise daquilo que não foi ensinado nas escolas, e refletir como está ocorrendo à formação histórica do povo chamado Brasil. Continuamos a ser roubados? É possível que não conhecemos nossa própria história?

A formação que recebemos é o lócus da reprodução de desigualdades, portanto precisamos repensa-la.

2. A CONSCIENTIZAÇÃO E O DOMÍNIO HISTÓRICO

A realidade dos fatos nem sempre estão explícitas, estão nas entre linhas, nesta abordagem é necessário analisarmos aquilo que a história não nos contou, articular o samba com a história do Brasil trata-se de uma estratégia para melhor compreendermos os fatos que foram omissos em nossa história.

Brasil, meu Nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra (SAMBA ENREDO HISTÓRIA
PARA NINAR GENTE GRANDE, 2019)

As pessoas de fato ainda não conhecem suas origens, Brasil meu nego é um chamamento para nos conscientizarmos de quem somos e qual nossa verdadeira história, mas as pessoas permanecem baseadas em histórias como o descobrimento.

É preciso compreender claramente como ocorreu a constituição do povo, da nação chamada Brasil, e a grande pergunta é:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Como me constitui brasileiro? Como fui formado?

O problema da unidade da pátria tem estado na pauta de discussões desde o Brasil Colônia, sendo tratado de forma divergente durante toda a nossa história. (GONÇALVES, 1999. P.20)

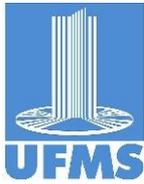
Somos classificados como o país do futebol, os bons do samba como se apenas isso nos designasse. Na escola nos foi ensinado sobre colonização, miscigenação, juntaram tudo e todos, e em que nos transformaram?

Quando tratamos de cultura, diversidade, racismo é tudo muito lindo, mas a verdadeira história aquela que não foi contada é originada em um contexto de violência e estas marcas não podem e não devem ser esquecidas.

A miscigenação aponta o branco como o dominador, e em grande parte denota uma grande perda de identidade do negro, indígena, pois a partir do momento que misturo tudo algo fica esquecido, e o cenário atual é aceitação de tudo, e a integração de tudo, a homogeneização.

Qualificar um como dominante é o mesmo que estabelecer um padrão, e isso exclui o negro, índio e outros. Esta unificação também carrega o esquecimento da história, do individual, é fato que para constituir nação é preciso unir com outros, e a própria construção de nação e cultura são frutos de uma invenção de interesses, não sendo possível julgar como verdadeiro ou falso, mas o homem é dependente de outros homens e necessita pertencer a algum lugar, é sua ação no contexto que faz sua identidade, é esse conjunto de ações que modifica e altera os contextos. “Tanto as culturas quanto as identidades são permanentemente construídas, desconstruídas e reconstruídas através da ação histórica.” (GONÇALVES, 1999. P.20).

Abrir a cortina do passado, é uma alusão a mostrar o passado - A história que a história não conta - assim como o trecho do samba “deixa eu te contar” existem muitos casos que não foram registrados, muitas histórias esquecidas, poderíamos falar dos africanos que precisavam comprovar quando eram livres, aos interrogatórios que eram submetidos, enquanto o senhor dos escravos nada precisavam declarar, esta concepção elitizada já é nítida nas ações das pessoas desde muito tempo e nós continuamos a reproduzi-la.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Para buscar seu direito seguia ao juízo de Órfãos, e nesta realidade a sua palavra não tinha valia como a dos senhores, o relato abaixo demonstra a verdade em relação aos direitos, onde o senhor dos escravos não precisaria comprovar a propriedade, enquanto Felipe precisava comprovar sua liberdade, resumindo, trata-se de injustiça considerando o fator social daquele homem, que era negro.

O Juízo de Órfãos de São Paulo recebeu, no espaço de um ano e meio, entre 1855 1857dois africanos com longas trajetórias-a relatar, que reclamavam o direito de ser reconhecidos como africanos livres e tinham, muito provavelmente, convivido por algum tempo sob as ordens do barão de Antonina e de seu genro, Luís de Campos Vergueiro. Primeiro veio Felipe, fugido de seu suposto proprietário, o alemão Joalheiro Guilherme Landeman, porque lhe diziam que neste juízo o dariam carta” Em interrogatório na “presença de Landeman do curador de africanos livres de São Paulo, ele relatou ser Felipe de nação Cabinda, com 33 anos de idade (MAMIGONIAN, 2017. P 401)

O problema da escravidão foi “resolvido” princesa como um feito heroico, a verdade é que após abolição muitos passaram extrema necessidade, pois sem condição nenhuma de sobrevivência não tinham como se manter, deixa eu te contar aquilo que foi omitido para que não fique escondido, para não reproduzirmos as mesmas ações. “É preciso compreender como se tornaram identidades históricas, como seus significados se alteraram no correr do tempo, suscitando contemporaneamente sentimentos tão profundos. “ (GONÇALVES, 1999. P.20)

A formação de um povo e como ocorreu a constituição enquanto nação é o avesso o mesmo lugar, pois neste mesmo contexto foram produzidas histórias divergentes da realidade.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



O início da infância que hoje conhecemos foi produzido historicamente, pois no passado a criança era considerada como um adulto, sendo que o sentimento de infância veio surgir muito tempo depois, avesso do mesmo lugar, a infância de hoje tão moderna e bonita carrega muito choro, dor e morte, este mesmo avesso que nos outdoors demonstra lindas crianças bem vestidas e nutridas, carrega no avesso as camadas populares, que estão longe das escolas, sem alimento, sem educação.

Nogueira, afirma que o sentimento de infância foi um conceito gradualmente construído nas consciências, bem como o conceito de família e de afetividade, logo esta relação foi sendo estabelecida na sociedade, infelizmente por falta de registro não existem tanto relatos a partir da visão da infância, até porque a população dominante era dos adultos.

A infância no Brasil começa com a colonização, as crianças chegaram na companhia de seus pais, outras como grumetes e pajens, a situação era precária, [...] eram consideradas como mais que animais e imaginava-se que sua força de trabalho deveria ser aproveitada ao máximo. (NOGUEIRA, 2012. P.9)

.Conforme Nogueira (2012), estas crianças foram tratadas de diferentes modos, aqui vemos o contexto em que a criança estava inserida, a descoberta, a colonização que ora se mostra tão digna, não mostra seu avesso, inclusive como era comum os abusos sexuais realizados pelos marujos, neste cenário de violência, muitas crianças sofriam com suas famílias passavam fome, morriam, eram maltratadas e diante de todo sofrimento nasce à criança brasileira. Neste período também havia a catequização jesuítica, e os índios eram considerados como “folhas em branco” a ideia era leva-los a um comportamento cristão.

A educação não tinha caráter intelectual e servia apenas para moldar e exercer uma submissão para o trabalho como forma deste sujeito não ser um marginal, não se trata de uma educação para o crescimento intelectual apenas para subjugar, reproduzir e afirmar as desigualdades.

As crianças negras poucos são relatadas, mas já nasciam escravas, sua mãe logo as deixava para cuidar do filho dos senhores e se tornava uma ama de leite, sua situação era precária.



Em pouco tempo as mães escravas tinham que voltar a trabalhar e deixavam seus bebês com idosos e outras crianças. Não podemos nos esquecer que a moradia era a senzala, e esta se encontrava em condições subumanas.

(NOGUEIRA, 2012. P.11)

É desde a infância que transformamos a sociedade, na luta é que a gente se encontra, e é necessário atuarmos com responsabilidade e reflexão em nossas ações para que esta sociedade cresça consciente de sua vida e sua história. A criança pobre, negra, indígena, ainda continua sendo marginalizada, garantir seus direitos ainda é um desafio para a sociedade. Professores, gestão, é preciso tomar parte em nossa história é preciso lutar pelos nossos.

Quantas crianças são esquecidas e excluídas dentro das escolas por serem diferentes?

Lembro-me de um poema ao qual trabalhamos em aula, que retrata a infância de uma criança negra, e realmente não temos noção do que elas vivenciam, o que passa em sua mente, e como são vistas apenas pelo seu tom de pele, pelo estereótipo, a música dizia “Tinha sete anos apenas, apenas sete anos, Que sete anos! Não chegava nem a cinco! De repente umas vozes na rua me gritaram Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra! Negra!” (ARMELIN, 2019)

A necessidade de mudança dentro do cenário como a escola é real, este local deveria receber a todos e fazer o seu papel, mas está omitindo aos alunos a possibilidade de alterar suas estruturas psicológicas, cognitivas, afetivas, oferecer-lhe possibilidades que não alcançariam em suas casas, mas os próprios professores estão agindo com desigualdade pelo próprio preconceito.

MUNANGA (2017) afirma que raça não é biológico, mas um conceito carregado de ideologia, que esconde a relação de poder e dominação.

O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, lingüísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo a qual ele pertence. (MUNANGA, 2017, p.8)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Assuntos étnicos-“raciais” são abordados com muita tensão, pois é nítido a falta de conhecimento, e principalmente de preparo nas intervenções entre os profissionais, e a própria desigualdade é uma construção de poder sob determinada ótica ou realidade existente.

O artigo de MUNANGA (2017) aponta o quanto às crianças enquanto sujeitos da educação, ou seja, o objetivo fica em segundo plano, e quando é analisando qualitativamente é perceptível um regresso em termos de conteúdo, formação pessoal e profissional.

Os elementos raça, classe, gênero são as bases da hegemonia e da história de desigualdades, é a causa de grandes transtornos, pois este pensamento está enraizado, e as práticas são totalmente discriminatórias, como por exemplo, fazer uma criança negra ser a última pentear o cabelo, a última a tomar banho, demonstra total falta de respeito com a criança e ser humano que é, bem como o excesso de zelo com uma criança por ser negra, parece contraditório, mas muitos exageram em suas práticas com os negros como se fossem coitados rejeitados, todos os alunos devem ser tratados conforme suas especificidades, mas a cor da pele não os torna inferiores.

De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas.
(MUNANGA, 2017, p.8)

Atitudes como estas apagam as crianças socialmente e reforçam os comportamentos racistas, na maioria das vezes ensinado na família, e o termo “branqueamento do pensamento” se encaixa perfeitamente neste sentido, pois são as ações que colaboram para a desigualdade.

Pensar no negro como um “coitado” é o que nos foi ensinado na escola, mas o avesso é que seu histórico e enfrentamento permitiram romper barreiras e alcançar direitos, permitiu a construção de uma nova história.

Não podemos nos prender apenas nas datas comemorativas como o dia 19/04 dia do Índio e dia 20/11 - dia da consciência Negra, é preciso fugir deste estereótipo de pintar o rosto ou apenas um desenho, e não só atuar em épocas, estes são conteúdos para



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



tratarmos na mais tenra infância com toda diversidade possível de conhecimentos e experiências, ao longo de todo ano.

Ensinar a escrever é primordial para compreensão das simbologias e compreenderem todo o contexto do local onde estão inseridas, logo penso, como pode a educação modelar uma pessoa a tal ponto?

A escrita neste momento deve ser antecipada, para que a criança esteja o mais cedo possível apta a decifrar “os diferentes códigos do poder”.

(ABRAMOWICZ, 2012. p.52)

Compreendendo este paradoxo, é entender que a escola atua perante seus iguais de forma que não existam diferenças, e quando elas ocorrem, a intervenção é bem mais difícil pela falta de consciência e normatividade da gestão, as desigualdades continuarão a surgir pela falta de ações.

Pouco é ensinado sobre cultura negra ou os indígenas nos centros de educação infantil, e o silenciamento contribui para a exclusão, como é possível aculturar, excluir, desigualar, limitar, e ainda questionar que país é este?

O pensamento branqueado por suas práticas exclusas e reclusas deve ser fator de reflexão para não reproduzirmos, tratar cada qual com sua especificidade e um ensino adequado a realidade.

Considerações Finais

Seguir uma causa sem conhecimento é impossível, e a história nos possibilita alcançar os porões que foram esquecidos pelo tempo, aqueles ao qual fizerem questão de fechar, para valorizar o herói emoldurado, entre outros.

Não podemos fechar os olhos para a realidade, o racismo existe, dentro das escolas, nas ruas, em nossas famílias é o maior problema para este fato, é que igualmente reproduzimos as falas, as brincadeiras e as ações. Vivemos em um país racista, mas o que é inadmissível é excluir, humilhar, dominar o outro, ou categorizá-lo por sua condição social, física ou econômica.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



Para minimizar tais condições foram necessários criar leis e políticas que garantissem condições, elas não são igualitárias, mas que em uma escala mínima permitem as mesmas oportunidades como é o caso LEI Nº 12.711, DE 29 DE AGOSTO DE 2012, que favorece o acesso as universidades, e cabe pensarmos nas condições de permanência, qualidade, e oportunidades, poderíamos dizer que é inclusiva, e ao mesmo tempo extremamente racista, pois limita a quantidade, ultrapassar estes limites e paradigmas é realmente para aqueles que não se conformam, é na luta que a gente se encontra, e este é o avesso do mesmo lugar.

Quantas pessoas são exclusas da sociedade que prega um Brasil Brasileiro, se não fossem estes homens e mulheres a darem o primeiro, não estaríamos aqui contando esta história, o primeiro passo foi à abertura para os outros, e o empoderamento é a força que os move. Seu histórico é dor, mas lutaram para superar esta desigualdade.

Enquanto professores, família e sociedade, que possamos obter o conhecimento adequado da história para não sermos mais um meio de reprodução das desigualdades vigentes em nosso país, e que o povo acorde para a realidade em que estão sendo inseridos pela falta de entendimento.

Fiquei extremamente tocada em uma aula onde tive oportunidade de ouvir a musica Nego Drama, que realidade, neste momento repenso minha história e principalmente minha formação cultural, quantas vezes reproduzi tais falas e pensamentos?

Que o avesso do mesmo lugar seja a pluralidade de pensamentos, diversidade de ideias, e respeito, respeito ao ser que é individual, único com seus pensamentos e ideais e principalmente lembrar que não tratamos vitimismo, e sim garra, outro trecho de Nego Drama me motiva.

É na luta que a gente se encontra!

REFERÊNCIAS CITADAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



ABRAMOWICZ, A. RODRIGUES, T. C. CRUZ, A. C. J. “As creches e a iniciação” e as relações étnico-raciais. In: VAZ, A. F.; MOMM, C. M. (Orgs.). **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. cap.8, p. 121-135.

ALVES, Castro, 1847-1871. O navio negreiro e Vozes d’África / Castro Alves. [recurso eletrônico] – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. Disponível em: < [bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/11874/navio_negreiro_alves.pdf?...>](http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/11874/navio_negreiro_alves.pdf?...) , Acesso em : 24 junho.2019

CAMINHA, P. V. Carta a el-rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil. In: CAMINHA et. al. **Carta a el-rei Dom Manuel e outros textos sobre a Descoberta do Brasil**. 1ª ed, QuidNovi, 2008.

GONÇALVES, Maria Alice R. **Educação e Cultura: pensando em cidadania**. Rio de Janeiro: Quarte, 1999. P. 19-41.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11º ed. – Rio de Janeiro : DP&A, 2006. P. 07-22

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. **Africanos livres: A Abolição do Tráfico de Escravos no Brasil**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. cap. 10.

RACIONAIS MC’S – Nada como um dia após o outro. Nego Drama, 2002 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3pTzAo-FnMQ> acessado em 25/06/2019.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: **Seminário Nacional Relações Raciais Educação-PENESB**. Rio de Janeiro, 2003.

MANGUEIRA. SAMBA ENREDO. História para Ninar Gente Grande. 2019. Disponível em < <http://www.mangueira.com.br/sambaenredo>> Acesso em 24 junho 2019.

NOGUEIRA, I.S. C. Políticas de atendimento à infância no Brasil: da colonização à lei de diretrizes e bases da educação – um árduo caminho. In: NOGUEIRA, I. S. C.;



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS
CURSO DE PEDAGOGIA

XX SEMANA DE EDUCAÇÃO

“Resistir e Humanizar: por uma pedagogia emancipadora”

04 a 06 de novembro de 2021



SANTOS, V. F. (Orgs). **Políticas Públicas para a Educação no Brasil: Infância, Conselhos de Educação e Formação de Educadores.** Editora CRV, 2012. p. 7-31.

REFERÊNCIAS COMPLETAS

COSTA, C. A mãe de família. **Jornal Científico, Literário e Ilustrado.** Educação da Infância, Hygiene e Família, 1º ano, n.1 Rio, jan. 1879.

PASSOS, J. C. A educação para as relações étnico-raciais como política pública na Educação Infantil. In: VAZ, A. F.; MOMM, C. M. (Orgs.). **Educação infantil e sociedade: questões contemporâneas.** Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. cap. 7, p. 103-120.

ROSEMBERG, Fúlvia. Raça e educação inicial. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n.77, p.25-34, jul. 1999

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação Infantil, classe, raça e gênero. **Cadernos de pesquisa.** São Paulo, n. 96, p.58-65, fev.1996

ROSEMBERG, Fúlvia. Expansão da Educação Infantil e processo de exclusão. **Cadernos de pesquisa,** São Paulo, n.107, p7-40, jul. 1999